



A DIMENSÃO INVESTIGATIVA E OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL

Eixo 1: Serviço social: Fundamentos, questão social e prática profissional

LUCIANE FRANCIELLI ZORZETTI MARONEZE¹

RESUMO: Este artigo busca apresentar algumas reflexões a respeito da dimensão investigativa do Serviço Social considerando a lógica dialética constitutiva dos fundamentos. Trata-se de uma revisão bibliográfica, ancorada em autores que discutem o projeto profissional numa perspectiva crítica e buscam evidenciar a relevância desta dimensão para um exercício profissional competente e sintonizado com as transformações societárias na defesa dos direitos sociais. Ao trazer o debate dos fundamentos na apreensão do exercício investigativo, requisita-se o entendimento da relação entre teoria e realidade e a necessária apreensão da natureza da profissão, suas competências e atribuições profissionais.

Palavras-chave: Fundamentos do serviço social, dimensão investigativa, cotidiano;

ABSTRACT: This article seeks to present some reflections on the investigative dimension of Social Service, considering the dialectical logic that constitutes its foundations. It is a bibliographic review, anchored by authors who discuss the professional project from a critical perspective and seek to highlight the relevance of this dimension for competent professional practice, in tune with societal transformations in the defense of social rights. In raising the debate on the foundations of understanding investigative practice, it is necessary to understand the relationship between theory and reality, as well as the necessary understanding of the nature of the profession, its competencies, and professional attributions.

Keywords: Fundamentals of social service, research dimension; daily life

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões a respeito da dimensão investigativa no exercício profissional de assistentes sociais, tendo como pano de fundo a necessária apreensão dos fundamentos do Serviço Social, considerando que esta apreensão permite entender o exercício investigativo como dimensão intrínseca a natureza interventiva da profissão. Além disso, possibilita reconhecer os diferentes níveis de apreensão da realidade na

¹ Doutora em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina- UEL (2022), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá- UEM (2011), Especialista em Pesquisa Educacional pela Universidade Estadual de Maringá (2006) e graduada em Serviço Social pela UEL (1999). Atualmente é professora adjunta efetiva da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Coordenadora do Curso de Serviço Social. E-mail: luciane.maroneze@unespar.edu.br.



elucidação das situações nas quais o profissional é requisitado a intervir.

Considera-se que esta discussão é pertinente uma vez que os assistentes sociais no seu cotidiano profissional desenvolvem diferentes ações, produzem conhecimento que expressam diferentes aproximações do objeto de intervenção, entretanto, nem sempre consideram aquilo que elaboram como produção de conhecimento.

A investigação, embora intrínseca ao exercício, não é algo acessório ou eventual. Quer o profissional tenha consciência ou não, esta dinâmica está presente no seu exercício e se coloca de diferentes formas na apropriação da realidade social.

Cabe destacar que as reflexões aqui desenvolvidas são frutos do trabalho investigativo desenvolvido no processo de doutoramento ocorrido no ano de 2022 e de reflexões posteriores. Na ocasião buscamos entender a dimensão investigativa no processo de formação acadêmica dos assistentes sociais, tendo como universo os cursos de Serviço Social das universidades estaduais do Paraná.

Tal pesquisa, possibilitou adensar o conhecimento a respeito das particularidades dos cursos, sobretudo a partir da análise documental dos projetos políticos pedagógicos das escolas, e identificar os limites e possibilidades no ensino da dimensão investigativa, seu conteúdo transversal, inerente a lógica dialética das diretrizes curriculares da ABEPSS/1996.

Tendo como base os estudos já realizados, buscamos com estas reflexões apontar novos elementos de análise a partir do debate dos fundamentos do Serviço Social. Diante das transformações que cercam o trabalho do assistente social nas políticas sociais, transformações estas apoiadas na racionalidade instrumental, em que o tecnicismo ganha centralidade em detrimento da competência crítica e dos valores, princípios e direção social construídos historicamente pela profissão, observa-se a relevância desta temática para problematizar os desafios que atravessam o cotidiano de trabalho, e que impõe, de modo intensivo e ofensivo, rotinas que sufocam as possibilidades investigativas e o exercício intelectual dos profissionais.

Para o encaminhamento das discussões, este estudo encontra-se organizado em três momentos: no primeiro abordamos a concepção de fundamentos do Serviço Social construída historicamente pela profissão e que expressa o acúmulo traduzido na cultura profissional. Nesse ponto, destacamos a natureza e o significado social da profissão, evidenciando a caracterização da dimensão investigativa. No segundo, abordamos a respeito do cotidiano como espaço no qual



se materializa a intervenção profissional, por fim, destacamos a dimensão investigativa a partir de seus diferentes níveis de apreensão da realidade.

OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL NA APREENSÃO DA DIMENSÃO INVESTIGATIVA

Nas últimas décadas as instituições representativas da categoria: ABEPPS²; CEFESS/CRESS; ENESSO, entre outras, tem evidenciado em suas pautas a importância de se discutir os fundamentos do Serviço Social.

O Seminário ocorrido em 2019, intitulado “I Seminário Nacional sobre os Fundamentos do Serviço Social”, ocorrido em 2017, trouxe a preocupação com essa temática e o esforço teórico-político da categoria em capilarizar tal discussão a partir do Projeto ABEPSS Itinerante.

Tal movimento não foi algo ocasional, à medida que as tendências conservadoras sinalizam avanços em seu projeto, o qual se expressa entre outros aspectos, na formação aligeirada, centrada na certificação do ensino à distância, nas contrarreformas das políticas sociais, nas precárias condições de trabalho e práticas reduzidas ao imediatismo, a categoria profissional aponta, na contratendência, a importância da centralidade do debate dos fundamentos.

Isso porque os fundamentos do Serviço Social fornecem as bases, o chão sócio-histórico que permite o conhecimento e apreensão dos fenômenos sociais existentes na realidade. Isso significa dizer que a partir dos fundamentos é possível captar as tendências atuais e pensar o dever histórico, ou seja, às possibilidades construídas no processo das relações sociais entre os homens.

De acordo com Yasbek (2019, p. 47),

os fundamentos consistem na matriz explicativa da realidade e da profissão, permeando

² Cabe mencionar aqui o Projeto ABEPSS Itinerante, realizado em 2012 que tratou do tema dos fundamentos, evidenciando as dificuldades dos docentes na compreensão da lógica das diretrizes curriculares. A Gestão 2014/2016, também abordou esse tema. Cabe mencionar que os fundamentos vem sendo objeto de investigação de todos os Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPS) da ABEPSS que lançam luzes sobre temas contemporâneos que se expressam na realidade social.



a interlocução ente o Serviço Social e a sociedade. É no âmbito da análise dos fundamentos que se observa a incorporação pela profissão de matrizes fundamentais de conhecimento do social na sociedade burguesa.

Nesse sentido, os fundamentos não dizem respeito a um conjunto de orientações teóricas assumidas nos diferentes períodos sócio-históricos da profissão, também não está relacionado à disciplina de fundamentos histórico e teórico-metodológico do Serviço Social. Quando nos reportamos aos fundamentos estamos nos referindo, como bem apontado por Yasbek (2019) a matriz teórico-metodológica que explica a profissão e a realidade social. Assim, as possibilidades de a profissão produzir conhecimento, avançar na crítica, no planejamento, nas formulações a respeito de arsenal de instrumentos que constituem o seu fazer profissional, estão ancoradas nos fundamentos.

É importante observar que no Serviço Social esse debate ganha centralidade em um determinado período histórico, especialmente no processo de revisão do Currículo mínimo de 1982. Nesse processo histórico, Guerra (2019) assinala que “o debate dos fundamentos se adensa diante da necessidade de superar a tricotomia história/teoria/método resultante da revisão do projeto de formação dos anos de 1980”. Segundo a autora, esse debate possibilitou avançar na superação da visão tradicional do Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade e demarcar a direção social assumida pela categoria e expressa na elaboração no novo projeto de profissão.

A revisão deste currículo trouxe, nas palavras de Iamamoto (2008), avanços qualitativos tanto a formação quanto ao trabalho profissional. O adensamento de categorias fundamentais da teoria social de Marx, à exemplo do trabalho em seu sentido ontológico possibilitou a categoria profissional elaborar a crítica ao metodologismo e avançar no sentido de entender que a profissão não está desconectada da realidade social, que pensamento e ação, embora com particularidades distintas em sua natureza, estão intrinsecamente relacionados.

Yasbek (2019, p. 48, grifo nosso) destaca que na abordagem dos fundamentos há elementos que são fundantes:

a concepção de profissão no movimento histórico da sociedade capitalista; **a questão social** e suas expressões e configurações no âmbito privilegiado do exercício profissional; **e o trabalho** como categoria fundante para analisar o exercício do Serviço Social na sociedade capitalista.

Tais elementos deram concreção para avançar no processo de elaboração da Construção das Diretrizes Curriculares da ABEPSS em 1996. Ao apreender que o significado social da



profissão só se explica na dinâmica das relações contraditórias da sociedade e que, portanto, “[...] decifrar essa especialização do trabalho supõe elucidar os processos sociais que geram a sua necessidade social” (Iamamoto, 2017, p. 21) isso permitiu elucidar a natureza interventiva da profissão e entender que a investigação está no projeto de profissão, e se expressa nas atribuições e competências profissionais.

Trouxe também o entendimento de que a formação profissional não está no plano das abstrações, ou seja, ao eleger a questão social como eixo central da formação, reforça a perspectiva de que a atuação dos assistentes sociais se dá no âmbito das relações contraditórias entre as classes, e que a inserção no mercado de trabalho depende da venda da especialização desse trabalho que particulariza o Serviço Social.

Tanto na formação, quanto no trabalho profissional, a dimensão investigativa passou a ser entendida como elemento intrínseco a própria lógica dialética dos fundamentos, ou seja, não se pensa em uma formação somente teórica ou prática, mas, uma formação teórico-prática (Guerra, 2005).

Isso reforçou no processo de revisão da formação, à perspectiva de que os conteúdos da formação se reportam a realidade e que os componentes curriculares devem estimular, com maior ou menor ênfase, o exercício investigativo que tem sua razão de ser, se mediado nos e pelos fundamentos. Nas diretrizes curriculares da ABEPSS/1996,

a postura investigativa é um suposto para a sistematização teórica e prática do exercício profissional, assim como para a definição de estratégias e o instrumental técnico que potencializam as formas de enfrentamento da desigualdade social. Este conteúdo da formação profissional está vinculado à realidade social e às mediações que perpassam o exercício profissional (ABEPSS/CEDEPSS, 1997, p. 67).

No trabalho profissional a investigação é o meio de se mobilizar os conteúdos teórico-metodológico, ético político na apreensão das determinações sociais constitutivas da realidade. Imbuído dos fundamentos, os profissionais potencializam a investigação, uma vez que os fundamentos edificam a competência crítica e permitem uma leitura mais afinada da realidade, em condições de avançar para além das abstrações preliminares.

Nessa perspectiva, não se trata de uma investigação voltada para um inquérito, com sentido fiscalizatório e policialesco. A investigação na formação e no trabalho profissional é um



instrumento de aproximação sucessiva da realidade. No exercício profissional, esta dimensão alarga os horizontes, influi no sentido de o profissional captar as nuances que não se revelam num primeiro momento e que exigem um esforço intelectual na sua apreensão. A análise de conjuntura, as articulações micro e macrosocietárias são fundamentais nesse processo, assim como o entendimento dos aspectos particulares que caracterizam as políticas sociais e que somente são desvelados nas articulações teóricas expressas nos fundamentos.

As diretrizes curriculares na proposta dos fundamentos do Serviço Social vêm com a exigência de se compreender a dinâmica societária. Revelam um modo particular de se apreender a realidade e a profissão, informada por uma perspectiva de totalidade histórica (Santos, 2019), incluindo uma concepção de homem e mundo que não se desconecta da perspectiva de classe. Mostram, também, uma nova organicidade de conteúdos constituídos a partir dos núcleos de fundamentação que contemplam uma direção social que se almeja para a formação. Pressupõem a apreensão do método e exigem um esforço teórico para além dos documentos que expressam o projeto de formação. Sem essa leitura mais adensada, não é possível captarmos a relação intrínseca entre os fundamentos do Serviço Social e a dimensão investigativa.

Ora, o assistente social, em seu campo ocupacional lida diariamente com inúmeros desafios: violência e estímulo a naturalização de práticas violentas, pobreza e empobrecimento da população, corte dos gastos públicos, articulação predatória entre setor público e privado, insegurança no trabalho, entre outros. Tais desafios demandam a dimensão investigativa como condição de mobilizar o exercício profissional na formulação e execução das políticas, elaboração de ações, análise das condições de vida dos usuários, articulação da rede de serviços, informações sobre o território, etc.

Nesse sentido, apontamos que a compreensão do objeto do Serviço Social requer um caminho investigativo da realidade de modo a apreender, no movimento mais geral da sociedade capitalista, os processos e as dinâmicas particulares que trazem, para a profissão, uma série de situações que devem ser problematizadas. Isso porque o espaço do cotidiano que fundamenta e materializa o trabalho do assistente social não se dá a conhecer de forma imediata, não se configura apenas nos dados empíricos que se apresentam espontaneamente.

Nesse sentido, a investigação se afirma como estratégia que mobiliza conhecimento e intervenção, estando vinculada à realidade de trabalho do profissional, aos objetos de



intervenção que fazem parte das demandas profissionais. Assim, é consenso na literatura da área que o caráter interventivo da profissão pressupõe a investigação, isso porque são dinâmicas que apresentam identidades distintas, mas inseparáveis, ou seja, “[...] não se pode pensar a intervenção sem o conhecimento dos objetos e processos sobre os quais se intervém” (Neto, 1992, p. 105).

É importante destacar que compreender essa realidade não se faz de forma aleatória e intuitiva, desentranhar desse complexo as conectividades que permitem desvelarem a condição de vida dos sujeitos com os quais o assistente social se depara no seu cotidiano, impõe uma exigência teórico-metodológica à formação profissional no sentido de se apreender, por meio dos fundamentos, a realidade social e as relações estabelecidas entre as classes sociais e como isso se traduz em demandas profissionais.

Entendendo que a apreensão crítica da realidade tem como ponto de partida a própria realidade que se manifesta da vida cotidiana, apresentamos algumas reflexões sobre o cotidiano, visto que apreender as determinações postas neste âmbito, a partir de um rigor na postura teórico-metodológica, é tarefa precípua para pensar a dimensão investigativa como mediação que entrelaçam as dimensões instrumental, formativa, política e intelectual do exercício profissional, como veremos a seguir.

O COTIDIANO: APROXIMAÇÕES À SUA CONCEPÇÃO

A apreensão crítica da realidade tem como ponto de partida os dados concretos que se manifesta na vida cotidiana. Destacamos anteriormente que é na complexidade das relações estabelecidas no cotidiano que o assistente social atua, assim, apreender as determinações postas neste âmbito, a partir de um rigor na postura teórico-metodológica, é tarefa precípua para pensar a dimensão investigativa como mediação que entrelaçam as dimensões instrumental, formativa, política e intelectual do exercício profissional.

Podemos afirmar que a vida cotidiana é a vida de todos os dias. A vida na qual o indivíduo não pode suprimir com a opção de manter uma certa independência permanente ou provisória. Netto (2000) apoiado nos estudos de Lukács destaca que nenhuma existência individual cancela a cotidianidade, ou seja, enquanto espaço de produção e reprodução do ser



social a vida cotidiana está posta em toda sociedade e na vida de todo homem, mas, obviamente, não de forma a-histórica. Traz consigo às marcas de seu tempo, por isso, a estrutura da vida cotidiana (seu âmbito, ritmos, regularidades, comportamentos dos sujeitos coletivos) se apresenta de maneira distinta em cada sociedade.

De acordo com Heller (1972) o homem participa da vida cotidiana por inteiro. Todas as suas capacidades, habilidades, ideias, paixões, sentimentos, ideologias, são colocadas em funcionamento na cotidianidade, mas não com toda intensidade, isso porque a vida cotidiana é marcada, dentre outros aspectos, pela heterogeneidade que representa o conjunto de atividades próprias das objetivações do ser social: a organização do trabalho, a vida privada, o lazer, o descanso, a linguagem, a vida política, etc.

A vida cotidiana expressa, como tendência, o caráter espontâneo, a rotina, a repetição dos gestos e tarefas, isso porque a atitude do homem diante da realidade não é, como observa Kosik (1976), de um sujeito cognoscente, de uma mente que busca a todo momento examinar especulativamente a realidade, mas de um ser que age objetivamente na realidade buscando satisfazer suas necessidades.

Por isso, é próprio do modo de ser cotidiano o vínculo imediato entre pensamento e ação, entretanto, isso não significa dizer que não existe mediações. Barroco (2007) explica que no âmbito do cotidiano as mediações permanecem ocultas pela aparência imediata dos fatos, pela rapidez e espontaneidade com que são apreendidas e a forma como se manifestam no âmbito da alienação.

Esses aspectos, intrínsecos a dinâmica da vida cotidiana, requisita dos indivíduos respostas pontuais que se colocam no limite da resolução das situações, sem apresentar maior profundidade. Barroco (2007) esclarece que não faz parte do cotidiano a amplitude e a intensidade das atividades que possibilitam ao homem entrar em contato com suas capacidades essenciais, qual seja, sua capacidade de criar, transformar e valorizar de forma consciente. Isso porque se o homem se dispusesse a refletir sobre o conteúdo de verdade contido em cada uma das formas das atividades cotidianas seria impossível a produção e a reprodução da vida da sociedade humana. A realidade é complexa de determinações que extrapolam a capacidade do homem de absorvê-las Heller (1972).

Complementando essa discussão, podemos dizer que na vida cotidiana reside o



pensamento do homem comum. E o que é o pensamento comum? Kosik (1976) explica que é a forma ideológica do agir humano de todos os dias, na qual são captadas o aspecto superficial das coisas, as formas fenomênicas³ com que se apresentam na realidade. Segundo o autor (*Idem*, p. 14) a *práxis* utilitária cotidiana cria o pensamento comum, este coloca o homem em condições de orientar-se no mundo e de familiarizar-se com as coisas, entretanto, não é sua finalidade proporcionar a compreensão das coisas e da realidade.

A dimensão da vida cotidiana na forma imediata como se coloca é campo para a reprodução das relações sociais capitalistas, marcadas essencialmente pelas formas mistificadas com as quais os homens, por intermédio da mercadoria, se relacionam. Nessa perspectiva Heller (1972) mostra que de todas as esferas da realidade, a vida cotidiana é aquela que mais tende à alienação. As formas hegemônicas de exploração são ocultadas por esses processos de alienação⁴ que invade o cotidiano dos indivíduos em toda sua instância, “[...] o que aqui se universalizou, na imediatez da vida social, são os processos, peculiares ao modo de produção capitalista, que se encontram na base do mistério da forma mercadoria” (Netto, 2000, p. 88).

Desse modo, entendemos que a vida cotidiana é tangenciada pela objetividade imediata que conforma o modo de produção capitalista, no qual a mercadoria é expressão viva das formas fetichizadas que caracterizam as relações entre os homens. Há um estranhamento no processo de produção, sob a aparência de realidades “naturais” que se apresentam independentes de sua ação. Barroco (2007) observa que os modos de comportamento, valores e motivações se manifestam à consciência como elementos que já estão dados e dispostos “funcionam em si e por si mesmos”, sem quaisquer relações e vínculos sociais.

Nessa direção, Heller aponta que a alienação existe quando se tem um abismo entre a

³ Kosik (1976) o mundo dos fenômenos que constitui a *práxis* utilitária cotidiana como mundo da *pseudoconcreticidade*. A esse mundo pertence as relações fetichizadas, os fenômenos externos que se apresentam de forma superficial, na epiderme das relações sociais que configuram a *práxis* fragmentária dos indivíduos, baseada na divisão da sociedade em classes. Assim, o mundo da pseudoconcreticidade “[...] é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde” (1976, p. 15).

⁴ Com base em Netto (1981, p. 57) compreendemos que a alienação se constitui em uma forma específica de objetivação, na qual o trabalho – atividade prática negativa – é unidimensional, ou seja, se reduz à dimensão da lucratividade, produção de valores de troca, mercadorias. “No trabalho alienado, o trabalhador não se realiza e não se reconhece no seu próprio produto; inversamente, o que ocorre é que a realização do trabalho, a produção, implica a sua perda, a sua despossessão: o produto do trabalho se lhe aparece como algo alheio, autônomo. Nisto consiste a matriz da alienação”



produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção. Esse abismo toma proporções maiores a partir do desenvolvimento capitalista com o acirramento das contradições. A estrutura da cotidianidade alienada se expande e penetra todas as camadas sociais.

De fato, entendemos que as determinações da vida cotidiana (imediaticidade, heterogeneidade e a superficialidade extensiva), se manifestam numa aparente naturalidade, mas, como o cotidiano não está à margem da histórica, podemos dizer que tais determinações são recompostas em razão do movimento dos processos históricos.

Assim, quanto mais complexa a regulação da vida social e as funções que o homem desempenha, mais necessário são os mecanismos de controle, de reforço a automatização das rotinas, da burocracia e das atividades do cotidiano. Como assinala Heller (1972, p. 38), “Quanto maior for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade dada, tanto mais a vida cotidiana irradiará sua própria alienação para as demais esferas”.

O que a vida cotidiana revela é um mundo aparente, guiado pelas relações e concepções fragmentadas que impõe a consciência aquilo que está posto de modo superficial e recorrente. O rotineiro e o familiar são aspectos que conformam esta cotidianidade na qual o indivíduo transita e orienta sua ação por meio de um pensamento espontâneo, pautado, de certo modo, na reprodução de um padrão de comportamento e nas experiências já conhecidas.

Dadas as características acima mencionadas podemos dizer que na vida cotidiana o pensamento comum reconhece a prática em seu sentido estritamente utilitário, imediatista e direta. Esse nível de conhecimento pautado na intuição⁵, se vê em oposição à teoria, já que as explicações estão postas nas representações da realidade, assim, esse pensamento comprova sua validade à medida que mostra sua eficiência e utilidade em responder as questões prático/empíricas. Nesse contexto Heller (1972, p.32) nos diz:

As ideias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis. A atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da práxis quando é atividade humano -genérica consciente; na unidade viva e muda de particularidade e genericidade, ou seja, na cotidianidade, a atividade individual não é mais que uma parte da práxis, da ação total da humanidade que,

⁵ De acordo com Lefebvre (1991, p. 105) o conhecimento intuitivo ou imediato refere-se a todo conhecimento que não é obtido por meio de um processo, de um caminho apoiado através de etapas intermediárias. Este nível de conhecimento “Indica a coisa a conhecer e não aquilo que a coisa é”, assim, aponta para o “ser” geral de cada coisa, mas, no seu mais vago sentido.



construindo a partir do dado, produz algo novo, sem com isso transformar em novo o já dado.

O contexto da vida cotidiana é o espaço no qual o indivíduo põe em prática suas capacidades, mas somente no âmbito da singularidade. Para superar a consciência comum e elevá-la ao humano-genérico, é necessário, segundo Heller (1972) fazer uma suspensão momentânea, ou seja, concentrar toda a atenção sobre uma única questão. Esse movimento de elevação da consciência não se faz sem esforço.

Na cotidianidade há sempre uma margem de possibilidade e movimento para elevar o modo de apropriação e compreensão do real, entretanto, cabe destacar que esta suspensão não suprime a vida cotidiana. Ao suspendê-la e a ela retornar explicitam-se capacidades que, segundo Barroco (2007, p. 41) possibilitam criar, fazer escolhas, transformar e valorizar de forma consciente, em outras palavras, “[...] supõe a supressão da alienação, não da vida cotidiana”. A arte, a filosofia, a ciência, a política e a ética são apontadas como atividades de elevação acima da cotidianidade, pois levam a compreensão de que o mundo não se põe de forma transparente.

Compreender a possibilidade dessa suspensão é compreender que no mundo fenomênico em que a realidade se manifesta estão imbricados o fenômeno e a essência (coisa em si), entretanto, como nos mostra Kosik (1976, p. 15) isso de modo algum significa dois mundos distintos,

a essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediada ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é.

A realidade possui regularidades, leis imanentes, formas e aspectos isolados que permitem ser compreendidos, mas que não se revelam de modo imediato. Captar esses dados aparentes no plano do intelecto e organizá-los, ainda que em bases empíricas, no pensamento, representa um modo inicial de se aproximar do objeto que não pode ser desconsiderado no processo de conhecimento.

Sobre isso Guerra (2009) explica que esse processo já se inicia pelos órgãos dos sentidos, pela intuição, formas de representação, e vai se adensando à medida que passa por outros condutos da razão até chegar ao nível mais alto da razão crítico-dialética. A autora



observa que o conhecimento que se atém ao nível da intuição, que não submete os dados a uma crítica, conduz sempre a uma realidade que aparece de forma mistificada.

Para elevar esse nível de compreensão no sentido de desobscurecer o mundo da positividade que marca os processos sociais da sociedade burguesa, é necessário percorrer um caminho no qual seja possível interrogar como a coisa se constitui, como ela é, considerando o seu próprio movimento.

A partir do exposto entendemos que os fatos elementares da vida cotidiana se elevam a um outro nível de compreensão pela práxis que expressa justamente a unidade de duas dimensões distintas no processo de conhecimento: a teoria e a atividade prática dos homens. Pela via de uma ação refletida, que não se desconecta dos fatos, é possível apreendê-los para além da aparência na qual se mostram.

Nesse sentido, é impensável superar a imediatez dos fatos sem se pôr em movimento uma série de recursos que possibilita ao sujeito se aproximar da realidade. Isso significa dizer que às determinações do objeto devem ser exploradas, negadas, testadas e confirmadas de modo sempre aproximativo e provisório e isso se faz mediante um processo investigativo e de uma orientação teórico-metodológica com uma clara direção política.

A DIMENSÃO INVESTIGATIVA A PARTIR DE SEUS DIFERENTES NÍVEIS DE APREENSÃO DA REALIDADE

Considerando que o movimento de ultrapassagem das ações pragmáticas decorre de um determinado conhecimento orientado pela razão dialética, expresso nos fundamentos do Serviço Social, cabe apontar que ao mobilizar a dimensão investigativa, os profissionais produzem conhecimento em diferentes níveis.

Tais conhecimentos abrangem tanto aqueles que envolvem uma abordagem mais instrumental, relacionado as questões mais imediatas, pertinentes ao cotidiano profissional, o que não retira dessa abordagem a necessária apreensão de referenciais teóricos, quanto conhecimentos que podem decorrer de uma pesquisa acadêmico-científica, mediante por exemplo a inserção do profissional em programas de pós-graduação, com o desenvolvimento de pesquisas relacionadas, ou não, ao campo de atuação. Como salienta Iamamoto (2008, p.



239)

O fato de o Serviço Social constituir-se uma *profissão*, traz inerente uma exigência de ação na sociedade, o que não exclui a possibilidade e a necessidade de dedicar-se a investigações e pesquisas no amplo campo das ciências sociais e da teoria social, adensando o acervo da produção intelectual sobre intercorrências da questão social e das políticas sociais, contribuindo para o crescimento do patrimônio científico das Ciências Humanas e Sociais.

A questão que se coloca aqui é afirmar a não existência de um campo que separa o Serviço Social como profissão e como área de conhecimento, a conhecida e recorrente expressão dos “profissionais pesquisadores” e dos “profissionais que competem a execução”, mas reconhecer que a pesquisa cumpre finalidades diferentes relacionadas às necessidades que decorrem dos espaços de inserção profissional reconhecendo os níveis diferenciados de aproximação que ela – a investigação – estabelece com a realidade e que se expressam na postura investigativa, na sistematização de dados, na ação investigativa e na pesquisa científica, sabendo que são níveis que se complementam e se articulam (Chaves, 2013).

Mesmo correndo risco de procedermos a um raciocínio esquemático, consideramos importante trazer as discussões que têm sido apresentadas na literatura da área para clarificarmos essas diferentes formas de aproximação da realidade e, ao mesmo tempo, possibilitarmos, a partir dessa exposição, reconhecermos, nos componentes curriculares, as possibilidades de se pensar em estratégias que favoreçam esses processos investigativos.

A sistematização de dados não se restringe a levantamentos de informação, junção de dados, mas a um procedimento que exige estudo, organização, revisão e análise. Como explicita Bourguignon (2008), o cotidiano é fonte de conhecimento para o assistente social, assim, deve ser sistematizado, problematizado, saber como trabalhar com o conjunto das informações colhidas na realidade, de modo que possa fortalecer alternativas de defesa aos direitos sociais dos usuários.

[...] o profissional precisa posicionar-se e reconhecer na sua prática oportunidades não só de colher informações junto aos sujeitos – cujo armazenamento muitas vezes gera documentos estéreis, incapazes de suscitar mudanças –, mas também transformar as informações através de diálogo e problematização sistemáticos com a realidade, com os seus protagonistas, e sustentados no suporte teórico-metodológico construído pela profissão (Bourguignon, 2008, p. 163).

Por se tratar de um “[...] esforço crítico, de natureza teórica, sobre a condução da atividade profissional” (Almeida, 2006, p. 4), a sistematização de dados é acionada pela atitude



investigativa e se constitui em um procedimento fundamental para a construção de ações interventivas. Possibilita ao assistente social reunir um conjunto de informações e dados para identificar e compreender as necessidades apresentadas pelos usuários, as demandas que chegam aos serviços, o espaço e as condições em que o exercício profissional se realiza.

Impulsiona, a um nível mais elevado, a compreensão dos dados empíricos que abarcam o trabalho profissional, com o registro criterioso dos dados, mas, como observa Netto (1989), opera basicamente para circunscrever, ainda que de modo provisório e precário, um campo de reflexão, mas não constitui o processo teórico. Este implica na ultrapassagem das abstrações – objetos sobre os quais se debruça a razão –, na captura e na compreensão de seu movimento na totalidade concreta.

Segundo Chaves (2013), a sistematização pode gerar dois níveis de produção: aquelas que respondem diretamente às demandas profissionais, como a elaboração de projetos, avaliação de políticas sociais etc.; ao mesmo tempo, esses dados podem ser problematizados e analisados pelos próprios profissionais ou por aqueles vinculados às instituições de pesquisa em nível acadêmico. Esses dois níveis correspondem à *ação investigativa* ou *pesquisa em serviço* e à *pesquisa científica*.

A ação investigativa fornece subsídios para a definição de estratégias profissionais, já que traz uma síntese mais adensada e refletida dos dados sistematizados; aqui captamos as particularidades, as contradições, as possibilidades e os entraves que permitem se avançar ou até mesmo recuar nas ações profissionais. Esse nível de pesquisa, como salienta Chaves (2013), afirma-se enquanto competência profissional para a formulação de políticas sociais, seu acompanhamento e avaliação bem como permite se subsidiar a elaboração de projetos de intervenção que demandam análise das particularidades do objeto sob o qual se busca implementar. Nesse sentido, são frutos de reflexões teórico-práticas, são produções de conhecimento que podem e devem ser coletivizadas pela categoria e contribuir para subsidiar a própria intervenção profissional.

Além disso, esse nível de investigação traz elementos importantes que podem se constituir em bases para o aprofundamento teórico de uma pesquisa científica. Esta pesquisa refere-se a um processo que instrumentaliza o pesquisador a reconstruir, em nível do pensamento e por sucessivas abstrações, a estrutura dos fenômenos sociais, de modo a tornar concretamente



pensadas as suas representações. Portanto, exige o esforço rigoroso de perquirir permanentemente os dados aparentes, saturando o objeto, apreendendo-o em sua totalidade histórica. Como assinala Bourguignon (2008, p. 71), “[...] Nesta modalidade de práxis, a finalidade imediata é teórica, porém mediada pela prática investigativa”.

Ao expormos essas diferentes formas por meio das quais a dimensão investigativa se movimenta na formação, fica claro que o Serviço Social propõe um projeto de formação profissional no qual a produção do conhecimento se dá em diferentes níveis não dissociados: aqueles voltados diretamente à intervenção até aqueles que exigem maior rigor, métodos, técnicas e que pressupõem a construção de formulações teóricas (Chaves, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões tecidas neste estudo, reforçamos que a apreensão dos fundamentos do Serviço Social possibilita aos assistentes sociais reconhecer e potencializar a dimensão investigativa no exercício profissional, uma vez que mobiliza a ultrapassagem do senso comum, impulsiona o profissional a construir ações com compromisso ético-político na defesa de seu projeto de profissão e de sociedade.

Conforme afirmamos, os fundamentos do Serviço Social não se constituem, em hipótese alguma, em um receituário, ou algo que pertence espaço da academia, os fundamentos dependem de um esforço por parte dos profissionais em manterem uma formação continuada, aliás, a dimensão formativa, articulada com os princípios humanos e emancipatórios, é parte constitutiva do exercício profissional.

Sem o entendimento dos fundamentos, a dimensão investigativa ocupa um lugar pontual e esporádico no trabalho profissional, a pesquisa acontece “quando se dispõe de tempo ou quando é demandada”, também não se reconhece que muitas das ações desenvolvidas e sistematizadas são conhecimentos que resultam de um movimento de aproximações e ultrapassagem de um determinado nível de apreensão da realidade.

É importante ter claro que esse movimento de apreensão teórico- crítica da vida social, nas particularidades das refrações da questão social com as quais os profissionais se ocupam, ocorrem na dinâmica das relações sociais, com toda às contradições e transformações que lhes



são inerentes, assim, há que se reconhecer que as limitações impostas pelas precárias condições de trabalho e todas as demais situações que atravancam o trabalho profissional, influem nesta apreensão, entretanto, é preciso pontuar também a opção política do profissional de se preparar técnica e intelectualmente para uma atuação qualificada, com posicionamento crítico que permita estabelecer alternativas para transcender o trabalho imediato.

REFERÊNCIAS

ABESS/CEDEPSS. Diretrizes gerais para o curso de serviço social. In: Formação Profissional: trajetória e desafios. **Cadernos ABESS**, n. 7. São Paulo: Cortez. São Paulo, 1997.

ALMEIDA, N. L. T. Retomando a temática da “sistematização da prática” em Serviço Social. In: MOTA, A. E.; BRAVO, M. I. S.; UCHÔA, R.; NOGUEIRA, V.; MARSIGLIA, R.; GOMES, L.; TEIXEIRA, M. **Serviço Social e saúde: formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2006. P. 399-408.

BARROCO, M.L.S. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos**. 5ª Ed. São Paulo, Cortez, 2007.

BOURGUIGNON, J.A. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. São Paulo: Veras; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2008.

CHAVES, C. N. **Serviço social e produção de conhecimentos: o papel da pesquisa para o projeto de formação profissional**. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, Rio de Janeiro.

GUERRA, Y. O potencial do ensino teórico-prático no novo currículo: elementos para o debate. **Revista Katálysis**. v. 8, n. 2, jul./dez., 2005.

_____. A dimensão investigativa no exercício profissional. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: Cfess/Abepss, 2009, v.1, p. 701-717.

_____. Consolidar avanços, superar limites e enfrentar desafios: os fundamentos e uma formação profissional crítica. In: GUERRA, Y. et.al. **Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. 2ª ed. Campinas: Papel Social, 2019.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1972.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. 80 anos do Serviço Social no Brasil: a certeza na frente, a história na mão. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 128, jan/abr, 2017, p.13-38.

KOSIK, K. **A dialética do concreto**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal e lógica dialética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização



Brasileira, 1991.

NETTO, J. P. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981

_____. O Serviço Social e a tradição marxista. **Revista Serviço Social e Sociedade** n. 30., São Paulo: Cortez, 1989. p. 89-102.

_____. **Para a crítica da vida cotidiana**. In: CARVALHO, M. C. B.; NETTO, J. P. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NETO, A. M. Q. F. “Taller” de investigação e projetos sociais. In: ABESS. Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social. **A produção do conhecimento e o serviço social**. Cadernos ABESS nº 5, p. 96-107. São Paulo: Cortez, 1992.

SANTOS. C.M. Prefácio. In: GUERRA, Y. et.al. **Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. 2ª ed. Campinas: Papel Social, 2019, p. 11-17.

YASBEK, M. C. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos e as tendências contemporâneas no Serviço Social. In: GUERRA, Y. et.al. **Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. 2ª ed. Campinas: Papel Social, 2019, p. 47-84.